

O ADVOGADO MAFIOSO

JOHN GRISHAM

O ADVOGADO MAFIOSO

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

PRIMEIRA PARTE

DESRESPEITO

1.

O meu nome é Sebastian Rudd e, embora seja um advogado conhecido, não irão ver o meu nome em painéis publicitários, paragens de autocarro, ou em letras gordas nas páginas amarelas. Não pago para aparecer na televisão, embora isso aconteça com frequência. O meu nome não consta em nenhuma lista telefónica. Não possuo um escritório tradicional. Tenho licença de uso e porte de arma porque o meu nome e o meu rosto tendem a chamar a atenção do tipo de pessoas que também andam com armas e não se importam de utilizá-las. Moro sozinho, normalmente durmo sozinho, e não tenho a paciência e compreensão necessárias para manter amizades. A lei é a minha vida, sempre insaciável e ocasionalmente gratificante. Não lhe chamaria «amante ciumenta», como uma personagem já esquecida disse em tempos. É mais como uma mulher autoritária que fiscaliza o livro de cheques. Não há escapatória possível.

Nos últimos tempos, tenho dormido em quartos de motel baratos e todas as semanas mudo de poiso. Não estou a tentar poupar dinheiro, estou apenas a tentar manter-me vivo. Há muita gente que gostaria de me matar neste preciso momento, e algumas dessas pessoas têm manifestado abertamente esse desejo. Na faculdade de Direito, não nos dizem que, um dia, somos capazes de dar por nós a defender uma pessoa acusada de um crime tão hediondo que cidadãos normalmente pacíficos se sentem impelidos a pegar em armas e a ameaçar matar o arguido, o seu advogado e até o juiz.

Mas já fui ameaçado antes. Faz parte de ser um advogado mafioso, uma subespecialidade da profissão a que fui parar mais ou menos há uns dez anos. Quando terminei a faculdade, os empregos

eram escassos. Aceitei com relutância um *part-time* no Gabinete do Defensor Público da cidade. Daí, fui parar a uma firma pequena e pouco rentável que só tratava de defesa criminal. Passados alguns anos, essa firma estourou e fiquei por minha conta, na rua como tantos outros, a lutar com unhas e dentes para ganhar uns trocados.

Houve um caso que me pôs no mapa. Não posso dizer que me tornou famoso porque, na verdade, como pode um advogado ser famoso numa cidade com um milhão de habitantes? Há muitos advogados locais de segunda categoria que se julgam famosos. Sorriem nos painéis publicitários ao mesmo tempo que pedem a vossa falência e pavoneiam-se em anúncios de televisão ao mesmo tempo que parecem extremamente preocupados com os vossos danos pessoais, mas são obrigados a pagar a sua própria publicidade. Não é o meu caso.

Os motéis baratos mudam todas as semanas. Estou a meio de um julgamento num fim de mundo tenebroso e provinciano chamado Milo, a duas horas do local onde resido na cidade. Estou a defender um marginal de dezoito anos com o cérebro frito que é acusado da morte de duas meninas num dos crimes mais sórdidos que já vi, e vi muitos. Os meus clientes são quase sempre culpados, por isso não perco muito tempo a torcer as mãos, preocupado em saber se apanham ou não o que merecem. Mas, neste caso, Gardy está inocente, não é que isso importe. Não importa. O que importa por esta altura, em Milo, é que Gardy seja condenado à morte e executado o mais depressa possível para que a cidade se possa sentir melhor consigo mesma e seguir em frente. Seguir para onde, exatamente? Não sei, nem quero saber! Há cinquenta anos que este lugar vem a regredir e não é a porcaria de um veredito que irá alterar o seu rumo. Li e ouvi dizer que Milo precisa de conseguir pôr «um ponto final» no assunto, seja lá o que isso for. Só um idiota é capaz de acreditar que esta cidade vai de alguma forma crescer, prosperar e tornar-se mais tolerante assim que Gardy receber a injeção letal.

O meu trabalho é intenso e complicado, mas, ao mesmo tempo, é bastante simples. Sou pago pelo Estado para proporcionar uma defesa de primeira classe a um arguido acusado de homicídio, e isso exige que eu lute com todas as forças e arme uma barafunda dos diabos numa sala de audiências onde ninguém me está a ouvir. Gardy

foi basicamente condenado no dia em que foi preso, e o seu julgamento é apenas uma formalidade. Os estúpidos dos polícias, desesperados, forjaram as acusações e as provas. O procurador sabe disto, mas não tem coragem e está empenhado em ser reeleito no ano que vem. O juiz está a dormir. Os jurados são essencialmente pessoas boas e simples, abismadas com o processo e desejosas de acreditar nas mentiras que as suas honradas autoridades apresentam no banco das testemunhas.

Milo tem a sua quota de motéis baratos, mas não posso hospedar-me lá. Seria linchado, esfolado, queimado na fogueira ou, se tivesse sorte, um atirador furtivo enfiava-me um balázio entre os olhos e tudo terminaria num ápice. A polícia estadual garante proteção durante o julgamento, mas tenho a nítida sensação de que estes tipos não estão lá muito empenhados. Veem-me da mesma forma que a maioria das pessoas. Sou um fanático de cabelo comprido, suficientemente mafioso para lutar pelos direitos de infanticidas e outros que tais.

O motel em que atualmente me encontro é um Hampton Inn, que fica a vinte e cinco minutos de Milo. Custa sessenta dólares por noite e o Estado procederá ao reembolso. No quarto ao lado, está Partner, um tipo pesadão e fortemente armado que usa fato preto e me leva a todo o lado. Partner é o meu motorista, guarda-costas, confidente, assistente jurídico, *caddie* e único amigo. Conquistei a sua lealdade quando um júri o absolveu da acusação de homicídio de um agente infiltrado dos Narcóticos. Saímos da sala de audiências de braço dado e somos inseparáveis desde então. Em pelo menos duas ocasiões, polícias fora de serviço tentaram matá-lo. Numa ocasião, vieram atrás de mim.

Continuamos de pé. Ou, melhor dizendo, continuamos a esquivar-nos.

2.

Às oito da manhã, Partner bate-me à porta. Está na hora de ir. Damos os bons-dias um ao outro e subo para o meu veículo, que é

uma grande carrinha preta da Ford, totalmente personalizada de acordo com as minhas necessidades. Como também faz as vezes de escritório, os bancos de trás foram dispostos em torno de uma mesinha rebatível. Há um sofá onde passo muitas vezes a noite. Todas as janelas têm vidros fumados e à prova de bala. Tem televisão, aparelhagem, Internet, frigorífico, bar, duas armas e uma muda de roupa. Sento-me à frente com Partner e desembulhamos os pãezinhos de salsicha comprados numa loja de pronto-a-comer enquanto saímos do parque de estacionamento. Um carro da polícia descaracterizado avança à nossa frente para nos escoltar até Milo. Vem outro atrás de nós. A última ameaça de morte aconteceu há dois dias e chegou por correio eletrónico.

Partner não fala, a menos que se lhe dirija a palavra. Não fui eu que fiz esta regra, mas adoro-a. Ele não fica minimamente aborrecido com longos interregnos na conversa, e eu também não. Depois de anos sem dizer quase nada, aprendemos a comunicar com movimentos de assentimento com a cabeça, piscadelas de olho e silêncio. A meio caminho de Milo, abro uma pasta e começo a tirar notas.

O duplo homicídio foi tão arrepiante que nenhum advogado local quis tocar no caso. Depois, Gardy foi preso e bastou olhar para ele para saber que era culpado. Cabelo comprido tingido de preto-azeviche, uma impressionante coleção de *piercings* do pescoço para cima e de tatuagens do pescoço para baixo, brincos de aço a condizer, olhos claros e frios e um sorriso afetado que diz: «Está bem, fui eu, e depois?» No seu primeiro artigo, o jornal de Milo descreveu-o como «membro de um culto satânico com historial de molestar crianças».

E que tal isto quanto a informação honesta e isenta? Ele nunca foi membro de um culto satânico e a história de molestar crianças não é o que parece. Mas Gardy foi culpado desde esse momento e ainda me admira termos conseguido chegar até aqui. Eles queriam enforcá-lo há meses.

Escusado será dizer que todos os advogados de Milo trancaram as portas e desligaram o telefone. Não existe sistema de defensores públicos na cidade — é demasiado pequena — e os casos de indigentes são distribuídos pelo juiz. Há uma regra tácita que determina que sejam os advogados mais jovens a receber estes casos pouco lucrativos porque (1) alguém tem de fazê-lo e (2) os advogados mais velhos fizeram-no

quando eram mais novos. Mas ninguém ia concordar em defender Gardy e, para ser sincero, não posso censurá-los por isso. Trata-se da sua cidade e das suas vidas, e conviver com um homicídio tão tortuoso podia causar grandes danos a uma carreira.

Como sociedade, acreditamos num julgamento justo para a pessoa acusada de um crime grave, mas há quem sinta dificuldades quando toca a providenciar um advogado competente para garantir o tal julgamento justo. Os advogados como eu são assediados pela pergunta: «Mas como consegue representar escumalha desta?»

Respondo rapidamente «Alguém tem de fazê-lo», enquanto me afasto.

Queremos mesmo julgamentos justos? Não, não queremos. Queremos justiça, e de forma rápida. E a justiça é aquilo que acharmos por bem, caso a caso.

Ainda bem que não acreditamos em julgamentos justos porque podem ter a certeza de que os não temos. A presunção de inocência é agora a presunção de culpa. O ónus da prova é uma paródia porque a prova consiste frequentemente em mentiras. A culpa para lá de qualquer dúvida legítima significa que, se há probabilidade de ele ter cometido o crime, então toca a tirá-lo das ruas.

Seja como for, os advogados fugiram a sete pés e Gardy ficou sem ninguém. Diz muito sobre a minha reputação não ter tardado a receber o telefonema. Nesta ponta do Estado, é agora bem sabido nos meios jurídicos que, caso não consigam encontrar mais ninguém, o melhor é ligar a Sebastian Rudd. Ele defende qualquer um!

Quando Gardy foi preso, juntou-se uma multidão à porta da cadeia a clamar por justiça. Quando a polícia o escoltou até à carrinha que o ia levar ao tribunal, a multidão acossou-o e atirou-lhe tomates e pedras. Isto foi minuciosamente relatado pelo jornal local e até chegou ao noticiário da noite da cidade (não existe nenhuma estação sediada em Milo, apenas transmissões por cabo). Pedi a mudança de jurisdição, roguei ao juiz que deslocasse o local de julgamento pelo menos cento e cinquenta quilómetros, para termos boas perspetivas de encontrar alguns jurados que não tivessem arremessado nada contra o rapaz ou que, no mínimo, não o tivessem amaldiçoado durante

o jantar. Mas foi-nos negada essa possibilidade. Todos os meus requerimentos anteriores ao julgamento foram indeferidos.

Mais uma vez, a cidade quer justiça. A cidade quer pôr um ponto final no assunto.

Não há nenhum ajuntamento para me receber a mim e à minha carrinha quando entramos no curto caminho de acesso pelas traseiras do tribunal, mas alguns dos atores habituais marcam presença. Estão amontoados atrás de uma barricada da polícia, não muito longe dali, e empunham os seus vergonhosos letreiros que dizem coisas tão inteligentes quanto «Enforquem o Assassino de Bebés», «Satanás espera por ti» e «Rudd Nojento fora de Milo!».

Há cerca de uma dúzia destas almas patéticas, simplesmente à espera para trocar de mim e, mais importante ainda, para demonstrar o seu ódio por Gardy, que irá chegar ao mesmo local dentro de cerca de cinco minutos. Durante os primeiros dias do julgamento, este pequeno aglomerado de gente atraía as câmaras e algumas destas pessoas chegaram aos jornais, juntamente com os seus letreiros. É claro que isto os motivou e, desde então, estão ali todas as manhãs. Susie Balofa segura o letreiro do «Rudd Nojento» e tem ar de quem me quer fuzilar. Bob Bala diz-se parente de uma das meninas assassina-das e foi citado como tendo dito qualquer coisa como o julgamento ser uma perda de tempo.

Parece-me que talvez tivesse razão quanto a isso.

Quando a carrinha para, Partner apressa-se a dar a volta até à minha porta, onde é recebido por três jovens delegados do mesmo tamanho que ele. Saio e sou convenientemente escudado, em seguida sou levado rapidamente até à porta das traseiras do tribunal, enquanto Bob Bala me chama prostituto. Outra entrada em segurança. Não tenho conhecimento de nenhum caso nos tempos modernos em que um advogado de defesa criminal tenha sido abatido a tiro ao entrar num tribunal a meio de um julgamento. Mesmo assim, aceitei a probabilidade de poder muito bem vir a ser o primeiro.

Subimos por uma escadaria estreita nas traseiras cujo acesso está interditado a todas as outras pessoas e sou conduzido até uma pequena sala sem janelas onde em tempos punham os prisioneiros que estavam à espera de ser levados ao juiz. Passados alguns minutos, Gardy chega ileso. Partner vai lá fora fechar a porta.

— Como estás? — pergunto quando ficamos sozinhos.

Ele sorri e esfrega os pulsos, desalgemado por umas horas.

— Bem, acho eu. Não dormi grande coisa.

Também não tomou duche, porque tem medo de fazê-lo. Experimenta de vez em quando, mas eles não ligam a água quente. Por isso, tresanda a suor acumulado e a lençóis sujos, e eu dou graças a Deus por ele estar suficientemente afastado do júri. A tinta preta está a sair lentamente do cabelo, que fica mais claro a cada dia que passa, tal como a pele vai ficando mais pálida. Muda de cor em frente do júri, outro sinal claro das suas capacidades animais e do seu pendor satânico.

— Que vai acontecer hoje? — pergunta ele, com uma curiosidade quase infantil. Tem um QI de 70, pouco mais do que o requerido para ser julgado e condenado à morte.

— Infelizmente, mais do mesmo, Gardy. Apenas mais do mesmo.

— Não pode fazer com que parem de mentir?

— Não, não posso.

A acusação não tem provas materiais que liguem Gardy aos homicídios. Zero. Por isso, em vez de avaliar a falta de provas e reconsiderar o seu caso, a acusação está a fazer aquilo que faz com frequência. Prossegue com mentiras e testemunhos forjados.

Gardy passou duas semanas na sala de audiências, a ouvir as mentiras, fechando os olhos enquanto abana lentamente a cabeça. É capaz de abanar a cabeça durante quatro horas seguidas, e os jurados devem pensar que ele é louco. Já lhe disse para parar com isso, para se endireitar, agarrar numa caneta e escrevinhar qualquer coisa num bloco, como se tivesse cérebro e estivesse disposto a dar luta, a ganhar. Mas ele não é simplesmente capaz de o fazer e eu não posso discutir com o meu cliente na sala de audiências. Também lhe disse para tapar os braços e o pescoço, para esconder as tatuagens, mas ele orgulha-se delas. Disse-lhe para tirar os *piercings*, mas ele insiste em ser quem é. As mentes brilhantes que dirigem a penitenciária de Milo proibem todo o tipo de *piercings*, a não ser, é claro, que se trate de Gardy e que ele vá para a sala de audiências. Nesse caso, toca a pô-los por todo o rosto. Toca a parecer o mais doentio, arrepiante e

satânico possível, Gardy, para que os teus pares não tenham dúvidas quanto à tua culpabilidade.

Num prego, está um cabide com a mesma camisa branca e calças de caqui que ele tem usado todos os dias. Fui eu que paguei este conjunto barato. Ele abre lentamente o fecho do macacão laranja da prisão e despe-o. Não usa roupa interior, coisa de que me apercebi no primeiro dia do julgamento e que tenho tentado ignorar desde então. Veste-se demoradamente.

— Tanta mentira — diz ele.

E tem razão. O Ministério Público chamou dezanove testemunhas até agora e não houve uma única que resistisse à tentação de romancear um pouco ou de mentir descaradamente. O médico-legista que realizou as autópsias no laboratório criminal do Estado disse ao júri que as duas pequenas vítimas se tinham afogado, mas também acrescentou que o «traumatismo craniano causado por objeto contundente» tinha sido um fator determinante. É melhor para a acusação se o júri acreditar que as raparigas foram violadas e espancadas até perderem os sentidos antes de serem atiradas para o lago. Não há provas objetivas de que tenham sido molestadas sexualmente de alguma forma, mas isso não impediu a acusação de incluir isso no processo. Discuti acaloradamente com o médico-legista durante três horas, mas é difícil discutir com um perito, mesmo que incompetente.

Uma vez que a acusação não tem provas, é obrigada a forjar algumas. O testemunho mais revoltante veio de um bufo da prisão a quem chamam Boca Suja, uma alcunha apropriada. Boca Suja é um rematado mentiroso que está sempre a testemunhar em tribunal, dizendo aquilo que os procuradores querem que ele diga. No caso de Gardy, Boca Suja voltou à prisão acusado de posse de droga e enfrentava uma pena de dez anos. Os polícias precisavam de um testemunho e, como seria de esperar, Boca Suja estava à sua disposição. Eles informaram-no sobre os pormenores dos crimes e depois transferiram Gardy de uma cadeia regional para a cadeia do condado onde Boca Suja estava detido. Gardy não fazia ideia dos motivos da sua transferência, nem de que ia cair numa armadilha. (Isto aconteceu antes do meu envolvimento.) Atiraram Gardy para dentro de uma pequena cela, juntamente com Boca Suja, que estava ansioso por conversar

e queria ajudar como pudesse. Disse que detestava a polícia e que conhecia alguns bons advogados. Também lera sobre os homicídios das duas meninas e tinha um palpite sobre quem realmente as matara. Uma vez que Gardy não sabia nada sobre os homicídios, não tinha nada para acrescentar à conversa. Mesmo assim, passadas vinte e quatro horas, Boca Suja afirmou ter ouvido uma confissão completa. Os policiais tiraram-no da cela e Gardy não voltou a vê-lo até ao julgamento. Como testemunha, Boca Suja apresentou-se muito aprumado, de camisa e gravata, cabelo curto e sem tatuagens à vista. Com um grau de pormenor espantoso, repetiu o relato de Gardy sobre como perseguira as duas raparigas até à floresta, as derrubara das suas bicicletas, as amordaçara e manietara, e depois as torturara, molestara e espancara antes de atirá-las para o lago. Na versão de Boca Suja, Gardy estava completamente pedrado e tinha estado a ouvir *heavy metal*.

Foi uma atuação e peras! Eu sabia que era tudo mentira, tal como Gardy e Boca Suja, e os policiais e os procuradores, e desconfio que o juiz também tinha as suas dúvidas. De qualquer forma, os jurados engoliram a história com repugnância e fulminaram o meu cliente com olhares cheios de ódio, que digeriu tudo isso de olhos fechados e a abanar a cabeça... não, não, não. O testemunho de Boca Suja foi tão espantosamente arrepiante e rico em pormenores que, às vezes, até custava a acreditar que era tudo inventado. Ninguém consegue mentir daquela maneira!

Interroguei insistentemente Boca Suja durante oito horas seguidas, um dia longo e esgotante. O juiz estava de mau humor e os jurados de olhos congestionados, mas eu podia ter continuado durante uma semana. Perguntei a Boca Suja quantas vezes tinha sido testemunha em ações penais. Ele disse que talvez umas duas vezes. Eu puxei dos registos, refresquei-lhe a memória e fui enumerando os outros nove julgamentos em que ele operara o mesmo milagre para os nossos honestíssimos e imparciais procuradores. Com a memória turva já recuperada, perguntei-lhe quantas vezes os procuradores lhe tinham reduzido a pena depois de mentir por eles em tribunal. Ele disse nunca, por isso lá tive de voltar a passar em revista os nove processos. Apresentei os comprovativos. Deixei perfeitamente claro

para toda a gente, sobretudo para os jurados, que Boca Suja era um bufo mentiroso e em série que trocava testemunhos falsos por clemência.

Confesso que me enfureço em tribunal e que isso joga, muitas vezes, contra mim. Perdi a cabeça com Boca Suja e ataquei-o de forma tão implacável que alguns dos jurados começaram a mostrar alguma simpatia por ele. O juiz acabou por me dizer para avançar, mas não o fiz. Detesto mentirosos, sobretudo aqueles que juram dizer a verdade e depois inventam histórias para condenar o meu cliente. Gritei com Boca Suja e o juiz gritou comigo, e às vezes dava a sensação de que toda a gente estava a gritar. Isto não ajudou a causa de Gardy.

Seria de esperar que o procurador pudesse interromper o seu desfile de mentirosos com uma testemunha credível, mas isso exigiria alguma inteligência. A sua próxima testemunha foi outro preso, outro drogado que declarou estar no corredor, perto da cela de Gardy, e ter ouvido a sua confissão a Boca Suja.

Mentiras atrás de mentiras.

— Por favor, faça-os parar com isto — diz Gardy.

— Estou a tentar, Gardy. Estou a fazer o melhor que posso. Agora vamos.

3.

Um delegado conduz-nos à sala de audiências, que está novamente apinhada de gente. Paira no ar um clima de apreensão tensa. É o décimo dia de depoimentos e tenho agora a firme convicção de que não há absolutamente mais nada a acontecer nesta parvónia. Nós somos o entretenimento! A sala de audiências está cheia de uma ponta à outra e há gente em fila encostada às paredes. Graças a Deus que o tempo está fresco, caso contrário estaríamos todos ensopados em suor.

Qualquer homicídio qualificado requer a presença de pelo menos dois advogados de defesa. O meu colega, ou «segundo advogado», é Trots, um rapaz bronco e desinteressante que devia queimar a

sua licença para exercer e amaldiçoar o dia em que sonhou dar a cara numa sala de audiências. É de uma pequena cidade que fica a trinta e poucos quilómetros, suficientemente longe, pensava ele, para o proteger dos dissabores de se ver envolvido no pesadelo de Gardy. Trots ofereceu-se para tratar das questões preliminares, tencionando abandonar o barco se o julgamento se tornasse uma realidade. Os planos não lhe correram de feição. Fez asneira nas questões preliminares como só um novato consegue fazer, e depois tentou livrar-se do caso. Indeferido, disse o juiz. Trots achou então que talvez não fosse má ideia ocupar o lugar de segundo advogado, ganhar alguma experiência, sentir a pressão de um julgamento a sério, etc., mas após várias ameaças de morte deixou de tentar. As ameaças de morte fazem parte do meu quotidiano, tal como o café da manhã e polícias mentirosos.

Apresentei três requerimentos para retirar Trots do lugar que ocupava. Todos indeferidos, é claro, por isso eu e Gardy temos de levar com um imbecil na nossa mesa, que estorva mais do que ajuda. Trots está sentado o mais longe possível, embora não possa censurá-lo por isso, dado o estado de higiene de Gardy.

Gardy disse-me há uns meses que da primeira vez que Trots o inquiriu na cadeia do condado, o advogado ficou chocado quando Gardy afirmou estar inocente. Até discutiram sobre isso. Rico pronúncia de uma defesa enérgica...

Por isso, Trots está sentado na ponta da mesa, com a cabeça enterrada em anotações inúteis, sem ver nada, sem ouvir nada, mas sentindo os olhares de todos os que estão sentados atrás de nós, que nos odeiam e querem enforcar-nos juntamente com o nosso cliente. Trots pensa que isto acabará por passar e que poderá seguir com a sua vida e carreira, assim que o julgamento terminar. Está enganado. Assim que for possível, vou apresentar uma queixa por falta de ética na Ordem dos Advogados, alegando que Trots prestou uma «assessoria ineficaz» antes e durante o julgamento. Já fiz isto antes e sei como fazer para que seja aceite. Eu estou a travar as minhas próprias batalhas com a Ordem e estou por dentro do jogo. Depois de acabar com Trots, ele vai querer entregar a sua licença de advogado e arranjar emprego num stande de carros usados.

Gardy senta-se ao meio da nossa mesa. Trots não olha para o seu cliente, e também não fala.

Huver, o procurador, vem ter comigo e entrega-me uma folha de papel. Não há bons-dias nem cumprimentos. Estamos tão para lá das mais elementares cortesias que um grunhido civilizado de qualquer um de nós seria uma surpresa. Detesto este homem da mesma forma que ele me detesta, mas levo vantagem neste jogo de ódio. Quase todos os meses lido com procuradores arrogantes que mentem, enganam, criam obstáculos, encobrem, ignoram a ética e fazem tudo o que é preciso para conseguir uma condenação, mesmo quando sabem a verdade e a verdade lhes diz que estão enganados. Por isso, conheço a raça, o género, a subclasse de advogado que está acima da lei porque é a lei. Já Huver raramente lida com um mafioso como eu porque, infelizmente para ele, não vê muitos casos sensacionalistas e quase nenhum em que o arguido aparece com um *pit bull* para o defender. Se ele lidasse com advogados de defesa enfurecidos com mais frequência, podia estar mais apto a odiar-nos. Para mim, é uma forma de vida.

Agarro na folha de papel e digo:

— Muito bem, quem é o seu mentiroso do dia?

Ele não diz nada e faz o curto caminho de regresso à sua mesa, onde se acotovela o pequeno bando de assistentes cheios de si, nos seus fatos escuros, que dramatiza a atuação para a assistência local. Eles exibem-se aqui, no maior espetáculo das suas miseráveis carreiras estagnadas, e às vezes tenho a sensação de que toda a gente do gabinete do procurador distrital capaz de andar, falar, usar um fato barato e trazer uma pasta nova está à volta daquela mesa, para garantir que se faz justiça.

O oficial de justiça grita a sua deixa, eu levanto-me, o juiz Kaufman entra, e depois sentamo-nos. Gardy recusa levantar-se em sinal de respeito ao grande homem. Inicialmente, isto deixava o meritíssimo muito irritado. No primeiro dia do julgamento — parece que foi há meses —, interpelou-me em tom áspero:

— Doutor Rudd, quer fazer o favor de pedir ao seu cliente para se levantar?

Eu assim fiz, e ele recusou-se. Isto foi embaraçoso para o juiz, e discutimos o assunto mais tarde, no seu gabinete. Ele ameaçou acusar

o meu cliente de desrespeito e mantê-lo na prisão o dia todo, durante o julgamento. Eu tentei incitá-lo a fazer isso, mas deixei escapar que uma reação excessiva como essa não deixaria de ser mencionada no recurso.

Gardy observou judiciosamente: «Que me podem eles fazer que já não tenham feito?» Por isso, todas as manhãs, o juiz Kaufman dá início às cerimónias com um longo olhar carrancudo e ameaçador ao meu cliente, que está normalmente sentado sem propósitos, a mexer na argola do nariz ou a abanar a cabeça, de olhos fechados. É impossível dizer qual de nós Kaufman despreza mais: advogado ou cliente. Tal como o resto de Milo, há muito que está convencido de que Gardy é culpado. E, tal como toda a gente nesta sala de audiências, detesta-me desde o primeiro dia.

Não importa. Neste tipo de trabalho, raramente temos aliados e rapidamente fazemos inimigos.

Uma vez que quer ser reeleito no ano que vem, tal como Huver, Kaufman põe o seu sorriso falso de político e dá as boas-vindas a todos quantos se encontram na sala de audiências para mais um dia interessante na procura da verdade. Com base nos cálculos que fiz um dia durante a hora de almoço, quando a sala estava vazia, há cerca de trezentas e dez pessoas sentadas atrás de mim. Tirando a mãe e a irmã de Gardy, toda a gente deseja ardentemente uma condenação, seguida de uma rápida execução. Cabe ao juiz Kaufman pronunciar a sentença. Estamos a falar do juiz que permitiu até agora todos os testemunhos falsos apresentados pela acusação. Às vezes, até parece que tem medo de perder um ou dois votos se aceitar um dos meus protestos.

Quando toda a gente está nos seus lugares, trazem o júri. Há catorze pessoas amontoadas no banco dos jurados — as doze escolhidas, mais um par de suplentes, caso alguém adoça ou faça alguma asneira. Não estão isolados (embora eu o tenha requerido), por isso podem ir para casa à noite e arrasar comigo e com Gardy durante o jantar. Todos os dias, ao final da tarde, são avisados pelo meritíssimo juiz para não pronunciarem uma palavra sobre o caso, mas quase podemos ouvi-los a palrar enquanto se afastam nos seus carros. A sua decisão está tomada. Se votassem neste momento, antes de apresentarmos uma única testemunha de defesa, dá-lo-iam como culpado e

exigiriam que fosse executado. Depois, regressariam a suas casas como heróis e falariam sobre este julgamento para o resto das suas vidas. Quando Gardy for executado, sentirão especial orgulho no papel crucial que desempenharam para que se fizesse justiça. Serão exaltados em Milo. Serão felicitados, parados na rua, reconhecidos na igreja.

Ainda cheio de energia, Kaufman dá-lhes as boas-vindas, agradece-lhes o serviço cívico e pergunta solenemente se alguém tentou contactá-los, num esforço para ganhar influência. Isto, normalmente, desencadeia uma série de olhares na minha direção, como se eu tivesse tempo, energia e fosse suficientemente estúpido para andar à socapa pelas ruas de Milo, à noite, a perseguir aqueles mesmos jurados, para poder (1) suborná-los, (2) intimidá-los ou (3) dirigir-lhes as minhas súplicas. É agora inquestionável que sou o único bandido naquela sala, apesar da avalanche de pecados cometidos pela outra parte.

A verdade é que, se tivesse tempo, dinheiro e pessoal para isso, trataria de subornar e/ou intimidar cada um dos jurados. Quando o Ministério Público, com os seus recursos ilimitados, inicia um caso fraudulento e engana a cada passo, a vigarice é legitimada. Não existe igualdade de condições. Não existe justiça. A única alternativa honrosa para um advogado empenhado em salvar um cliente inocente é enganar na defesa.

No entanto, se um advogado de defesa for apanhado a fazê-lo, será alvo de sanções impostas pelo tribunal, de uma repreensão emitida pela Ordem dos Advogados, e talvez até possa ser indiciado por crime. Se um procurador for apanhado a fazê-lo, ou é reeleito ou promovido a juiz. O nosso sistema nunca responsabiliza um mau procurador.

Os jurados asseguram ao meritíssimo que está tudo bem.

— Doutor Huver — anuncia ele com grande solenidade —, faça o favor de chamar a sua próxima testemunha.

A seguir, pela acusação, vem um pregador fundamentalista que converteu o antigo concessionário da Chrysler num templo da igreja World Harvest e está a atrair multidões para as suas pregações diárias. Vi-o uma vez numa estação de televisão local, e uma vez chega!

Aqui, a sua aspiração à fama vem de dizer que confrontou Gardy a meio de uma celebração para jovens, ao final da noite. Segundo a sua versão, Gardy tinha uma *t-shirt* que promovia uma banda de *heavy metal* e que passava uma mensagem vagamente satânica, e essa *t-shirt* estava a permitir que o Diabo se infiltrasse no serviço religioso. Havia uma guerra espiritual no ar, e Deus não estava contente com isso. Com a orientação divina, o pregador acabou por localizar a origem do mal no meio da multidão, mandou parar a música, foi rapidamente até ao sítio onde Gardy estava sentado e expulsou-o do edifício.

Gardy diz que nunca esteve nas imediações da igreja. Além disso, afirma que nunca viu o interior de *qualquer* igreja em toda a sua vida. A mãe confirma isso. Como dizem por aqui, a família de Gardy é gravemente «descrente».

É perfeitamente inconcebível que isto seja admitido como testemunho num caso de homicídio. É ridículo e toca as raias da estupidez. Presumindo que há uma condenação, toda esta treta será reavaliada dentro de cerca de dois anos por um tribunal de recurso imparcial a trezentos quilómetros de distância. Esses juízes — apenas ligeiramente mais inteligentes do que Kaufman, mas qualquer coisa é um progresso — não verão com bons olhos este pregador provinciano e a sua história inventada sobre uma alteração que terá alegadamente ocorrido cerca de treze meses antes dos homicídios.

Protesto. Indeferido. Protesto em tom colérico. Indeferido em tom colérico.

Mas Huver está desesperado por manter Satanás envolvido na sua teoria sobre o caso. O juiz Kaufman abriu a porta a isso há uns dias, e qualquer coisa é bem-vinda. No entanto, tratará de fechá-la com estrondo assim que eu começar a chamar testemunhas. Será uma sorte se ficarmos com umas cem palavras em ata.

O pregador tem uma dívida fiscal noutra Estado. Ele não sabe que eu a descobri, por isso vamos divertir-nos um pouco quando chegar a minha vez de o interrogar. Não é que isso tenha importância; não tem. O júri está decidido. Gardy é um monstro que merece ir para o Inferno. A missão dos jurados é acelerar o processo.

Ele inclina-se durante tempo suficiente para sussurrar:

— Doutor Rudd, juro que nunca estive numa igreja.

Eu faço que sim com a cabeça e sorrio porque é tudo o que posso fazer. Um advogado de defesa não pode acreditar sempre nos seus clientes, mas quando Gardy diz que nunca esteve numa igreja, acredito.

O pregador tem mau génio e eu não tardo a aticá-lo. Uso a dívida fiscal para o irritar e, assim que isso acontece, não mais recupera a calma. Levo-o a discussões sobre a inerrância das Escrituras, a Trindade, o Apocalipse, glossolalia, brincar com cobras, beber veneno e a difusão dos cultos satânicos na área de Milo. Huver grita protestos e Kaufman aceita-os. A certa altura, o pregador, devoto e corado, fecha os olhos e ergue ambas as mãos o mais alto possível. Instintivamente, estaco, acobardo-me e olho para o teto à espera de ser atingido por um raio. Mais tarde, chama-me ateu e diz que vou para o Inferno.

— Então, tem autoridade de mandar as pessoas para o Inferno? — riposto.

— Deus diz-me que vai para o Inferno.

— Se é assim, ponha-O no altifalante para que todos possamos ouvir.

Na verdade, há dois jurados que se riem disto. Kaufman já está saturado. Faz soar o martelo e anuncia o intervalo para almoço. Perdemos a manhã toda com este otário santarrão e o seu falso testemunho, mas ele não é o primeiro habitante local a introduzir-se no julgamento. A cidade está cheia de pretensos heróis.

4.

O almoço é sempre um regalo. Como não é seguro sair do tribunal, na verdade nem mesmo da sala de audiências, eu e Gardy comemos uma sanduíche, sozinhos, à mesa da defesa. É o mesmo almoço que dão aos jurados. Trazem dezasseis, misturam-nos, tiram os nossos ao acaso e levam os restantes para a sala do júri. A ideia foi minha, pois prefiro não ser envenenado. Gardy não faz ideia; está apenas cheio de fome. Diz que a comida na prisão é como seria de esperar e não confia nos guardas. Não come lá nada, e como sobrevive apenas à custa do almoço, perguntei ao juiz Kaufman se o condado não poderia duplicar a dose e dar ao rapaz duas sanduíches de

frango que parece borracha, com batatas fritas extra e mais um picle. Por outras palavras, dois almoços em vez de um. Disse que não.

Por isso, Gardy fica com metade da minha sanduíche e com todo o meu pepino de conserva. Se não estivesse a morrer de fome, ele podia ficar com aquela porcaria toda.

Partner passa o dia todo a entrar e a sair. Tem medo de deixar a nossa carrinha num lugar, devido à elevada probabilidade de acabarmos com os pneus furados e as janelas partidas. Também tem algumas responsabilidades, uma das quais é encontrar-se de vez em quando com o Bispo.

Nestes casos em que sou chamado para uma zona de combate, para uma pequena cidade que já cerrou fileiras e está pronta a matar um dos seus por algum crime hediondo, leva algum tempo para encontrar um contacto. Este contacto é sempre outro advogado, um habitante local que também defende criminosos e discute todas as semanas com a polícia e os procuradores. Este contacto lá acaba por aparecer, discretamente, com receio de ser apodado de traidor. Ele sabe a verdade, ou algo muito próximo disso. Conhece os interve-nientes, os maus atores e o bom que faz a sua entrada esporádica. Uma vez que a sua sobrevivência depende de se dar bem com os po-lícias, funcionários dos tribunais e procuradores adjuntos, conhece o sistema.

No caso de Gardy, o meu informador é Jimmy Bressup. Chamamos-lhe o Bispo. Nunca me encontrei com ele. Trabalha por intermédio de Partner e encontram-se em sítios estranhos. Partner diz que ele tem cerca de sessenta anos, cabelo grisalho comprido e ralo, roupa de má qualidade, recorre a linguagem obscena, é de natureza cáustica e tem um fraquinho pelo álcool.

— Uma versão mais velha de mim? — perguntei.

— Não propriamente — foi a sábia resposta.

Apesar da sua bazófia e conversa, o Bispo tem medo de se aproximar demasiado dos advogados de Gardy.

Diz que Huver e o seu bando já sabem por esta altura que prenderam o homem errado, mas investiram demasiado para lhe pôr um fim e admitir os seus erros. Diz que tem havido rumores desde o primeiro dia acerca do verdadeiro assassino.